

A VISÃO DOS EUROPEUS SOBRE A PROVÍNCIA DOS MACHIFAROS-AISUARES DESCRITAS NAS CRÔNICAS DE VIAGEM SÉC. XVI E XVII

THE EUROPEANS' VIEW OF THE MACHIFAROS-AISUARS PROVINCE DESCRIBED IN THE TRAVEL CHRONICLES OF THE 16TH AND 17TH CENTURIES

Data de aceite: 07/04/2025 | Data de submissão: 16/12/2024

BARROSO, Delvani da Silva, Esp.

CEST-UEA, Tefé-AM, Brasil, E-mail: delvanisilva459@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0009.0003.2609.8026>

RESUMO

A presente pesquisa buscou compreender as visões dos europeus sobre a província de Machiparo-Aisuari descritas nas crônicas de viagens dos séculos XVI e XVII. O objetivo do trabalho foi identificar as características destacadas nas crônicas acerca desse grupo mediante uma análise documental e bibliográfica, que foram selecionadas ao longo de seis anos. O estado da arte deste estudo compreende desde as crônicas de Diogo Nunes, Gaspar de Carvajal, Cristóbal de Acuña e Antônio Porro, que foram digitalizadas para compor a base teórica fundamental para as análises das visões dos europeus sobre os povos que habitaram o médio Solimões antes da colonização.

Palavras-chave: Província; Viagem; Etno-história; Povos da Amazônia; Amazônia.

ABSTRACT

This research sought to understand the views of Europeans on the province of Machiparo-Aisuari described in travel chronicles from the 16th and 17th centuries. The objective of the work was to identify the characteristics highlighted in the chronicles about this group through a documentary and bibliographic analysis, which were selected over a period of six years. The state of the art of this study includes the chronicles of Diogo Nunes, Gaspar de Carvajal, Cristóbal de Acuña and Antônio Porro, which were digitized to form the fundamental theoretical basis for the analysis of the views of Europeans on the peoples who inhabited the middle Solimões before colonization.

Keywords: Province; Travel; Ethnohistory; Peoples of the Amazon; Amazon.

1. INTRODUÇÃO

A pesquisa foi baseada a partir de análise bibliográfica do professor Antonio Porro que fez sobre as crônicas dos viajantes europeus por mais de um século pela Amazônia. Vale salientar que, a Amazônia até os dias atuais ainda é pouco difundida, para que se possa fazer análises mais abrangentes sobre os povos que ocupavam a região, conforme Porro (1992 e 1995).

Segundo Porro (1992 e 1995), o que se conhece sobre a Amazônia são análises de autores e historiadores que conseguiram ter acesso a documentos, como por

exemplo, as crônicas escritas por viajantes missionários e aventureiros a serviço de Portugal ou da Espanha. As crônicas analisadas compreendem somente as do século XVI e XVII, com abordagem sobre a região, delimitadas na localização da província dos Machifaros e Aiusuares.

A análise do processo de ocupação dessa região precisou de um diálogo interdisciplinar, comportando os campos de conhecimento da Arqueologia, Antropologia e a Linguística, para avaliar o processo da origem da povoação da Amazônia, diante do êxodo rural brasileiro. Ressaltando que, antes do contato do colonizador não se tem registros da história, de povos dessa região.

Dessa maneira, as crônicas dos viajantes europeus permitiram uma abordagem sobre a caracterização das províncias dos Machiparos ou Aisuaris, no início da colonização portuguesa, no vale amazônico. O foco direcionado as províncias avaliou dados sistematizados das crônicas, com a visão dos viajantes, sobre os povos e aspectos socioculturais das comunidades da Amazônia.

2. AS CRÔNICAS DOS VIAJANTES E A REGIÃO DOS AISUARES: SÉCULOS XVI E XVII

Os relatos das crônicas e o mapeamento da região dos povos Aisuares nos respectivos séculos XVI e XVII foi necessário na seleção de teóricos e para a delimitação das análises sobre os aspectos dos povos que habitavam na Amazônia. Segundo Neves (1999 e 2006), a Amazônia nem sempre foi objeto de pesquisa devido as barreiras encontradas sobre a questão documental, por mais que se tivesse a intenção de pesquisa-la, sempre houve limitações que impediam o andamento de uma análise mais profunda. Assim as primeiras pesquisas sobre a Amazônia se deram a partir de questões antropológicas e etnográficas. Por serem pesquisas mais bem sucedidas devido a quantidades de vestígios que se encontram na Amazônia.

O círculo econômico e a organização política dos povos originários da Amazônia foram deixadas de lado para ser construída uma história a partir de testemunhos e descrições baseadas nas ideias daqueles que viveram para região nesse período. Os viajantes estrangeiros influenciaram e modificaram os costumes desses povos, pelo próprio estranhamento de um mundo desconhecido.

A colonização foi baseada na intenção de obter o poder sobre áreas mais extensas, por isso a história dos povos da Amazônia ficou conhecida apenas pela visão de seus colonizadores. A partir do século XIX, aumentou o interesse para o conhecimento sobre essa região, com o surgimento de pesquisas que buscavam quebrar alguns preconceitos construídos sobre os povos que viveram no período colonial. Assim, a Amazônia foi colonizada por europeus, que a colocaram a margem de seu mundo, transformando a cultura, hábitos e o meio social, observando que quase todos os seus povos foram extintos, ou pouco a pouco desapareceram ou foram subjugados no contexto sociocultural.

Para Santos (2002), a idéia sobre Amazônia gerou inúmeras versões de que na região havia somente as grandes florestas intocadas e assustadoras aos olhos dos que ainda não as conheciam. A Amazônia era pouco difundida e pouco se sabia

sobre as suas especificidades regionais. O imaginário criado dava sentido ao mundo até então desconhecido, ou pouco conhecido, de modo pejorativo, que não valorizava sua população. Dessa forma, foram sendo construídas visões e muitas versões sobre a região, com informações criadas, por vezes, sem intenção, mas dando vida e constituindo a história de povos recém-descobertos, sua forma de viver em meio a floresta, ao mesmo tempo que encantavam, por outro lado, assustavam os colonizadores, por sua espontaneidade e modos, considerados não civilizados. As populações indígenas desse período sofreram as mais diversas transformações causando a extinção de quase toda a população e o desaparecimento de suas culturas, restando apenas semelhanças de seus traços físicos fragmentados:

Todavia, se não se pode ter certeza sobre os números, pode-se tê-la sobre o fato que a ocupação da terra pelo colonizador, quando não o extermínio físico da população indígena, fez desaparecer sociedades e as culturas indígenas. Na Amazônia isto começou no século XVI e ainda não terminou (Porro, 1992, p. 8).

Na Amazônia os povos foram denominados de províncias, conforme relatado nas crônicas dos viajantes europeus. Esses povos se adaptavam ao meio geográfico da região, considerando as adiversidades que o ambiente lhes oferecia, pois suas moradias eram implantadas em locais próximos aos rios, para facilitar seu acesso aos alimentos, que eram trazidos pelos rios. O aspecto da relação moradia e rio facilitava sua permanência por mais tempo ao local, mesmo que existissem povos que habitavam em terra firme e mantinham relação com os povos das várzeas. O sistema econômico nos séculos investigados ocorria com o objetivo de trocas comerciais desses povos. Nesse contexto foi discutida as relações e vínculos de comércio entre ambos, observando os aspectos descritos nas crônicas.

As crônicas foram fontes deste estudo, por constarem informações, então pouco conhecidas, seja pelo fato de estarem em língua estrangeira, tornando-as menos acessíveis aos leitores ou pela pouca difusão ou interesse desses dados históricos e científicos. A escrita de viajantes e missionários espanhóis a serviço de seus superiores, no século XVI e XVII, considerando a demanda da época referente a posse do território, em disputa entre Portugal e Espanha. Essas fontes são de extrema importância para o conhecimento da área nesse dado período, para que se tenha o conhecimento da história e da cultura dos povos indígenas que se encontravam na Amazônia.

Os relatos nos revelam a organização da época por isso deve-se ressaltar a importância desses documentos para a construção de análises técnicas fundamentadas deste estudo. A caracterização dos traços da cultura indígena na Amazônia, bem como da moradia e formas de como viviam, observando a dinâmica de ocupação do território. Outro aspecto abordado foi sobre a religião e mitos, visando abstrair algo sobre a relação entre um povo e outro, de que forma agiam na questão de comércio, levando em consideração os relatos, que não tinham o objetivo de retratar a história desses povos, e sim informar os governos interessados exclusivamente na posse das terras ou conquista dos povos.

A etnia passou por mudanças referentes com relação a sua identificação e em outros aspectos em relação a sua cultura, hábitos e costumes. As poucas descrições sobre os povos originários permitem a reflexão a partir de fragmentos registrados que os identificam nos seus diversos momentos de contato com os europeus, por mais de um século. Os povos que habitavam a Amazônia sofreram mudanças e transformações em suas existências, deixando-os em processo de extinção, pois vários fatores foram determinantes para o desaparecimento, sendo que atualmente pode-se encontrar apenas semelhanças, o que não nos dar certeza de sua verdadeira cultura ou traços vividos no período de colonização.

2.1. Contexto das Crônicas com base na Literatura sobre a Amazônia

A contextualização das crônicas com base na literatura do conhecimento dos europeus sobre a Amazônia. A perspectiva sobre essa região no momento de tensão e encontros entre culturas e civilizações distintas ficou marcada no contexto da sua história. As divergências encontradas em relatos e crônicas dos viajantes, por não haver nenhum documento escrito pelos povos da região, reportam o conhecimento de aproximação do modo de vida dos povos originários do território.

As crônicas foram relatos a respeito de momentos e situações distintas, tendo suas especificidades marcadas pelo olhar dos exploradores, vivendo momentos de encontros e confrontos no território desconhecido, enquanto terras a serem conquistadas e povos a serem dominados. A estrutura organizacional dos povos sob domínio e escravizados, apresentavam semelhanças em relação a alguns aspectos, como a organização política das sociedades indígenas, as guerras entre os povos, o vínculo de comércio entre os povos da várzea e os da terra firme, além de descrições claras de confrontos dos povos da região contra os colonizadores.

Trata-se do desaparecimento das nações que viviam ao longo do Rio Amazonas e da sua substituição por novos contingentes indígenas que forma sendo descido dos afluentes para a calha amazônica pelos agentes da colonização. Desaparecimento, em sentido étnico, é o termo adequado, e ver-se-á adiante de que forma ele se deu (Porro, 1992, p. 37).

A colonização causou o desaparecimento de muitos povos étnicos da região amazônica desde o início da colonização. Esse período ocorreu o contato com diversos povos entre eles estava à província de Machifaro ou Aiusuari, entre outras que foram citadas nas crônicas dos viajantes. A expedição de Pedro de Ursua e Aguirre quando estava à procura dos Omágua e o El Dorado, segundo as análises das crônicas, relatou informações mais específicas sobre as províncias:

A expedição, descendo o Huallaga e o Marañón, alcançou o Amazonas; a primeira parte das narrativas, referente as Província de Carari (Omágua) e Machiparo (Aisuari), é tanto ou mais rica em notícias geográficas e etnográficas do que a crônica de Carvajal (Porro, 1992, p. 24).

O contexto literário sobre a Amazônia foi construído com base a teoria difundida pelo europeu, que vem sendo desconstruída com o passar dos anos, mediante os questionamentos sobre o que existia na região antes do contato que levou ao declínio das populações indígenas. As gerações existentes pouco conhecem a história desses povos étnicos, pois não se tem informações precisas sobre as suas culturas, a não ser o que consta nas crônicas dos viajantes, relatos muitas vezes são superficiais e com pouca coerência, mas que são fundamentais para abstrair aspectos da região.

2.2. As Crônicas dos Viajantes e os Aisuares

As crônicas identificam a localização dos Aisuares geograficamente, devido os detalhes de suas narrativas, que relatam sobre a região desse povo. Nessa perspectiva, as viagens à Amazônia, descritas por Euclides da Cunha, no preâmbulo de *Inferno Verde*, a terra é ainda misteriosa, conforme Neves (2011).

Depois de uma introdução sobre a geografia, fauna, flora e alguns costumes indígenas, em boa parte tomada de Rojas, descreve as principais províncias do Solimões: os Omágua, desde acima do Javari até abaixo do Jutai; os Curuzirari ou Aisuari, desde o Juruá até Coari; os Yoriman, que os portugueses chamariam Solimões, entre o Coari e o Purus e os Carabayana, na região dos lagos de Manacapuru (Porro, 1992, p. 13).

As narrativas facilitaram as análises relacionadas a vida desses povos da região, pois foi possível a identificação de características específicas dessas etnias. As primeiras viagens pelo que hoje conhecemos como Amazonas sempre foram disputas entre os impérios da Espanha e Portugal. Vale ressaltar que, os primeiros fluxos de expansão foram registrados pelos espanhóis no território, porém devido à falta de interesse espanhol, as expedições portuguesas tomaram a frente para a ocupação territorial.

O relato de viagem de Samuel Fritz pode ser considerado o documento mais completo, por suas descrições e por seu mapa detalhado, sendo identificados os povos étnicos da Amazônia no século XVII. Os relatos descrevem os rios e os povoados, que são importantes para a localização desses povos, mesmo com as modificações de nomes. A identificação de suas características fora descrita em vários relatos, praticamente com os mesmos aspectos, dando a entender, que mudaram de localização, de nome e se misturaram com outras etnias devido o processo de colonização.

Nas descrições de Carvajal Machifaro foram encontradas a descrição que aos doze dias do mês de maio de 1542, o povo atacou sem que houvesse possibilidade de defesa aos mesmo que a única opção foi a portar em um outro povoado, segundo Porro (1992). Na carta de Diogo Nunes foi relatado a migração dos Tupis que percorreram todo o vale amazônico devido o processo de colonização.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa buscou analisar sobre as mudanças ocorridas na Província dos Machifaro e Aisuares, atualmente aonde localiza-se a cidade de Tefé-AM. O trabalho sistematizou pesquisas sobre a região Amazônica, a partir de documentos como as crônicas dos viajantes europeus. Essas fontes constituíram base de dados para encontrar aspectos de povos que habitavam a margem do rio Amazonas e Solimões, nos séculos XVI e XVII, quando se deu início a colonização.

A pesquisa bibliográfica comportou fontes históricas com relatos sobre os aspectos dos povos indígenas Machifaros-Aisuare e de sua província, no período de 1538 a 1696, conforme descrito nas crônicas dos viajantes europeus. As histórias sobre as vidas dos povos indígenas do alto e médio Amazonas ficaram registradas nas crônicas dos séculos XVI e XVII dos viajantes europeus. Esses testemunhos são relevantes para que se possa conhecer detalhes sobre as sociedades indígenas,

considerando a conquista Ibérica, que ocorreu nos seguintes anos: 1538-expedição de Alonso Mercadilho; 1541-1542 expedição de Orellana e 1560-1561 expedição de Pedro de Ursua e Lope de Aguirre.

4. A VIDA DOS AISUARES NO SÉCULO XVI E XVII

A província de Machiparo foi localizada sobre as duas margens do Solimões, conforme consta na crônica de Carvajal, tempos depois Acuña habitou a mesma região. O povo também foi denominado de Aysuari ou Curuciari, segundo os cronistas, na comunidade existiam de 20 a 24 moradias coletivas com mais de quinhentas pessoas em cada aldeia. A língua dominante era o Tupi nos grupos, que faziam grandes migrações, para protegerem-se diante da chegada dos europeus na região.

A partir do século XVI até metade do XVII essas províncias encontravam-se desarticuladas pelo processos de colonização. Desse modo as características dos povos originários foram se perdendo na história, seja com relação a moradia, que priorizavam a localização em terras de várzea, visando dispor das melhores possibilidades para sua sobrevivência devido a facilidade de alimentos, ou aqueles que preferiam a terra firme. A organização social era determinada pelo poder central a qual todos deveriam atender aos seus comandos. As vestimentas não foram definidas pelos cronistas, que relataram o uso de utensílios e enfeites feitos de animais, sendo as ferramentas, como machados, eram de pedras e ossos.

4.1. Conservação de Alimentos

Os povos existentes na Amazônia tinham hábitos muitos similares uns aos outros, havia exceções, alguns não obtinham hábitos de conservar alimentos por estarem em constantes mudanças de locais isso era muito comum, mas em outros casos a maioria se adaptavam sobre questões climáticas e recorriam as possibilidades de oferta da natureza, mediante a extração dos recursos da floresta.

A alimentação e a agricultura foram relatadas em quase todos os povos étnicos, sendo que para alguns povos eram restritas por serem nômades e estarem sempre migrando de lugar a outro. Atualmente, alguns desses hábitos ainda são fortemente visíveis nos povos da Amazônia, por terem herdado de seus antepassados.

O hábito e costumes dos povos Aisuare e da província Machifaro foram identificados nos relatos dos cronistas europeus durante todas as expedições pela a Amazônia. Os aspectos desses povos foram encontrados e selecionados para uma discussão teórica em diversas modalidades.

Porro (1992) constituiu uma fonte que recupera aspectos dos povos étnicos a partir dos relatos quinhentistas aos seiscentistas, que destacam algumas características desses povos. Os habitantes de Machiparo ficaram conhecidos como Curuziari ou Aysuari em meados do sec. XVII, quando se expandiram até a foz do Japurá.

4.2. Agricultura e Comércio

A agricultura e o comércio foram registrados com aspectos de subsistência e para fins de troca, conforme as crônicas como de Carvajal e as subsequentes, que

descreveram sobre a província de Machifaro em relação as técnicas de plantação e a economia de troca entre sua população e os povoados das fronteiras.

Devido à grande produtividade da agricultura, da caça e da pesca, e as técnicas de armazenamentos e conservação de alimentos que as populações da várzea desenvolveram (e que não se encontram na terra firme), esse ambiente natural podia sustentar uma população muito mais numerosa do que a terra firme (Porro, 1995, p. 41).

Em meio as diversidades da natureza os povos encontraram meios de adaptação de viverem de acordo com a geografia da região, observando as formas de cultivos de plantas frutíferas que poderiam ser colhidas em curto período, para que fossem retiradas antes das enchentes, ou da subida dos rios, com relação ao ciclo natural. Essa percepção da paisagem natural sempre foi a especialidade desses povos, para articularem as plantações e a conservação de mantimentos para toda a população da província, esses hábitos eram mais frequentes nos habitantes das áreas da várzea.

Neste ponto as informações nos reportam aos hábitos dos povos tanto no comércio quanto nos costumes de conservar alimentos, não somente para seu sustento, mais para manter uma rede comercial entre grupos próximos. As relações de comércio eram descritas com muitos detalhes pelos cronistas quinhentistas e seiscentistas: “Traziam lâmina de ouro do Içana, Urucu, raladores de mandioca, redes de miriti, cestos e tacapes, (...) e os forneciam aos Aisuari, Ibanoma e Yurimáguas” (Porro, 1995). O relato foi feito por Samuel Fritz, quando passou pela região catequizando os índios, registrou esta relação de comércio, entre os Manaos e os demais povos.

Na segunda metade do século de XVII toda a região amazônica passava pelo processo de colonização. Esse fato causou o confronto de muitas etnias diante da colonização europeia, assim a província de Machifaro, os Aisuares, e muitos outros povos viviam na defensiva e em guerra contra os colonizadores. A colonização marcou o início de misturas dos povos étnicos, mesmo que este hábito fosse comum entre alguns povos, mas o objetivo da colonização acelerou o processo. As descrições dos colonizadores sobre os povos nos revelam as relações de comércio entre as etnias como também os hábitos de conservarem alimentos para sua sobrevivência, além do que eram lhes oferecido com a abundância da terra de várzea pelas proximidades dos rios.

Há neste rio muito pescado de toda sorte como em Espanha, (por) que em cada povo chegam acham muitas casas cheias de pescados seco que eles levam a vender pelo sertão e têm suas contratações com outros índios (Porro, 1995, p. 34).

A economia circular ocorria mediante as relações de troca entre os grupos indígenas, que acabavam constituindo redes a partir de vínculos de comércio, que foram relatados nas crônicas de viagens. Os aspectos de trocas entre os povos da terra firme com os povos da várzea eram recorrentes, devido a concentração da maioria da população da região. As técnicas praticadas na agricultura foram determinantes para o desenvolvimento econômico desses povos, pois o cultivo das plantações tinha que ser de curta duração de tempo, para cumprir o ciclo anual da natureza de enchente e vazante. Assim, a província de Machifaro-Aisuare possuiu a rede de comércio considerado intenso, segundo as crônicas.

Essa característica pode ser relacionada com o de vínculo de comércio e conservação de alimento desse povo. As relações comerciais com os povos das fronteiras revelaram a expansão das redes de comércios, conforme descrito por Diogo Nunes, em sua carta a D. Joao III. Desse modo, nos registros constam que esse povo mantinha suas relações com os demais povos, para fins de manter um forte vínculo de relações de trocas comerciais antes da colonização europeia.

5. DISCUSSÕES

Os povos originários da Amazônia tinham hábitos muitos similares uns aos outros, havia exceções, alguns não obtinham hábitos de conservar alimentos por estarem em constantes mudanças de locais, que era muito comum. No entanto, em outros casos, a maioria se adaptava às questões climáticas e recorriam as possibilidades oferecidas pela natureza.

A alimentação e a agricultura foram percebidas em quase todos os povos. Alguns hábitos ainda são visíveis nos povos da Amazônia atual, por herança cultural de seus antepassados. Segundo Porro (1992), os habitantes de Machiparo ficaram conhecidos como Curuziari ou Aisuari, a partir de meados do sec. XVII, quando se expandiram até a foz do Japurá.

Nesse contexto, foram identificados hábitos de conservação de alimentos e a rede de comércio desses povos. As informações comprovam-se nos registros feitos por Diogo Nunes, quando passou pela província e relatou o fato na carta enviada ao rei de Portugal. Os relatos das crônicas dos viajantes à trabalho foram determinantes para a sistematização de informações para caracterização de costumes e hábito dos indígenas, como por exemplo, em conservar alimentos para seu mantimento diário, além do que a própria natureza oferecia.

Em cada crônica percebe-se semelhanças de hábitos de conservação de alimentos dos povos da província Machifaro. As informações sobre a técnica de conservação de alimentos desses povos são limitadas, pois não há uma fonte específica que descreva a prática de modo detalhado. As peculiaridades e divergências encontradas nos relatos trazem fragmentos sobre processos e costumes dos povos da Amazônia de modo generalista, sob o ponto de vista do observador estrangeiro.

Os relatos descreviam os povos das várzeas amazônicas com estratégias sustentáveis de escolhas para cultivos de plantações e o domínio de prática da pesca e caça, que facilitavam a procura de alimentos trazidos pelos rios e floresta. Além dos registros que descrevem os hábitos, a cultura e a conservação de alimentos, ficam evidentes as comprovações da existência da estrutura complexa da dinâmica social dos habitantes da Amazônia. Os vestígios foram retratados nas crônicas pelas testemunhas sobre os modos de vida daqueles que habitavam o território conquistado, bem como observados em sítios arqueológicos, encontrados ao logo de quase toda margem de seus rios.

A arqueologia permitiu a descoberta e a compreensão de hábitos alimentares dos povos que existiram na Amazônia, mediante os rastros deixados de sua existência. As trajetórias da vida desses povos podem ser reconstruídas a partir da análise de

vestígios de fragmentos documentais, que possam desvendar os mistérios e as descrições das crônicas dos viajantes europeus.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou identificar e caracterizar aspectos da Província de Machifaro-Aisuari a partir das crônicas dos viajantes europeus do século XVI e XVII. O contato com esses documentos despertou a curiosidade de conhecer e discutir as visões descritas pelos europeus nas crônicas de viagem. Essas informações importantes para a história dos povos refletem sobre as ideias e interesses pela conquista da região amazônica.

A investigação fundamentou as análises comparativas sobre os modos de vida dos povos amazônicos com base nas informações coletadas a partir das crônicas e de autores, que abordaram aspectos referente ao tema. Essas discussões retrataram as populações indígenas seja como vítimas dessas conquistas, seja como participantes do processo de colonização, observando a construção de conhecimentos sobre esses povos no dado período da pesquisa.

Portanto, espera-se a desconstrução de estereótipos dos povos originários, bem como a quebra de preconceitos que foram construídos ao longo da história da Amazônia, mediante a visão dos europeus. Dessa maneira, a pesquisa buscou reescrever a história desses povos, retirando-os da marginalização e tornando-os centro de discussões, para que sejam reconhecidos enquanto protagonistas, considerando a Antropologia, a Etnografia, a Arqueologia, a Etno-História e a História.

REFERÊNCIAS

- GONDIM, Neide. **A invenção da Amazônia**. 2ª edição. Manaus: Editora Valer, 2007.
- NEVES, Eduardo Góes. **Arqueologia da Amazônia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2006.
- NEVES, Eduardo Góes. O Velho e o Novo na Arqueologia Amazônica. **Revista USP**, São Paulo, 1999.
- NEVES, Auricléia Oliveira das. **A Amazônia na Visão dos viajantes dos séculos XVI e XVII**. Manaus: Editora Valer, 2011.
- SANTOS, Francisco Jorge dos. **Além da conquista: guerras e rebeliões indígenas na Amazônia pombalina**. 2.ed. Manaus. Editora da Universidade do Amazonas, 2002.
- SANTOS, Francisco Jorge dos. **História do Amazonas**. 1ª Série Ensino Médio. 1.ed. Rio de Janeiro. MEMVAVMEM, 2010.
- PORRO, Antonio. **As crônicas do Rio Amazonas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.
- PORRO, Antonio. **O Povo das águas: ensaios de etno-história amazônica**. RJ: Vozes, 1995.